

() Graduação (x) Pós-Graduação

REFLEXÕES SOBRE A OBRA “ENSINANDO PENSAMENTO CRÍTICO: SABEDORIA PRÁTICA” DE BELL HOOKS

Miriam Aparecida Beckhauser Alves
miriambeckhausera@gmail.com
Universidade Cesumar – Unicesumar

Viviane Sartori
viviane.sartori@unicesumar.edu.br
Universidade Cesumar – Unicesumar

Eugênia Rosa Antunes de Oliveira Luz
professoraeeugencialuz@gmail.br
Universidade Cesumar – Unicesumar

RESUMO

Na Era da Informação e do Conhecimento as pessoas recebem diariamente uma enxurrada de informações, porém, por diversos motivos, acabam não tendo um efeito epistemológico devido à falta de análise e criticidade desses assuntos. Ademais, há aqueles que não têm suas vidas modificadas pelo que aprendem, tornando-se mera questão de entretenimento e ocupação em suas vidas, sem o viés prático e filosófico que o pensamento crítico possui. Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar a obra de Bell Hooks “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”, publicado pela Editora Elefante em 2010, relacionando a importância do pensamento crítico a atual sociedade, onde o conhecimento é ativo de maior valor. Para tanto, a pesquisa caracteriza-se de natureza básica e exploratória, analisa, na obra de Hooks, a importância da construção do pensamento crítico na educação e como seu viés sociofilosófico, mostram a relevância do ato de pensar com crítica e autonomia, além de transmitir a vivacidade e os benefícios desse comportamento que modifica o sujeito que dele se apropria e desenvolve-o continuamente. Trata-se de um estudo descritivo e bibliográfico, uma vez que se explora a obra da autora de modo a analisar e constatar a relevância e influências de seus pensamentos e concepções.

Palavras-chave: Justiça social; Pensamento crítico; Resistência; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Gloria Jean Watkins, conhecida como Bell Hooks, em homenagem à sua avó Bell Blair Hooks, nasceu no ano de 1952, em Hopkinsville, estado do Kentucky, nos Estados Unidos. Mulher negra, construiu sua voz e sua fala por meio de um discurso empoderado e em prol da justiça social em uma época de muitas mazelas sociais, discriminação e segregação racial. Autora de outros inúmeros livros, teve publicada a obra "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática", em 2010, pela Editora Elefante, no qual apresenta trinta e dois (32) ensinamentos que merecem ser destrinchados um a um, contudo, em atendimento a uma proposta mais concisa, este estudo aborda, de forma sintética, os temas dessa obra que tem como propósito ofertar as "pílulas de reflexões" da autora acerca da sua própria experiência enquanto aluna e professora.

A vida Hooks relatada na obra apresenta vivências com docentes preocupados não apenas com sua formação, mas também com a justiça social. Na década de 50, nos Estados Unidos, segundo a própria autora, seus docentes eram inspirados por William Edward Burghardt Du Bois a propiciarem uma educação dialogada e crítica pautada pela organização, planejamento e ações em que negros estadunidenses compreendessem como a sociedade os via, isto é, que tivessem uma visão social clara para lutar por seus direitos também reconhecendo seu valor enquanto indivíduos. Fazendo isso, segundo Hooks (2010), eles teriam vitória diante de tanto preconceito e racismo estrutural.

É importante destacar que Du Bois foi o primeiro homem negro a fazer pós-doutorado e receber o diploma da Universidade Harvard. O sociólogo ativista teve papel fundamental na construção da sociedade em seu período, visto que ele lutou por justiça social e, com seu mais de vinte (20) livros publicados, influenciou muitas vidas a pensarem diferente dos padrões da época, isto é, criticamente. Antes mesmo da figura emblemática de Martin Luther King surgir, Du Bois já lutava em prol de igualdade por meio do movimento negro fortemente expandido entre o fim do século XIX para o século XX. Pode-se afirmar que ele foi o precursor da luta contra o racismo e direitos sociais que alcançaram a vida de muitos outros pensadores e ativistas de outros tempos até os dias de hoje, mesmo se tendo passado um século e meio após o seu nascimento. (MARASCIULO, 2020).

Com efeito, Hooks (2010) não somente foi inspirada por Du Bois (2012), mas imensamente pelas contribuições de Paulo Freire. Cabe ressaltar que este pensador foi muito importante para que a autora não deixasse de lutar por seus ideais e para que se tornasse a

profissional conhecida ao longo da sua trajetória docente. Como Hooks era de raça negra, quando tomou conhecimento dos pensamentos de Paulo Freire a respeito da possibilidade de mudança de paradigmas no ambiente de trabalho, trouxe para si verdades e valores a serem empregados em sua vida particular e profissional. Freire (1980) acreditava que os homens eram seres hábeis para transformar a natureza por meio de sua força laboral, a fim de consolidar seus bens materiais e culturais necessários à sua vida. O mesmo autor também afirmava que a forma de agir do homem no mundo construiu a história da humanidade. Por isso, era necessário que cada um fosse responsável e livre para tomar decisões conscientemente nesse fazer histórico, além de manifestar o amor (FREIRE, 1980; HOOKS, 2010, p. 127).

Cabe aqui salientar que o método do pensamento crítico já vinha sendo explorado por diversos outros autores, cada um à sua forma, concepção e aplicabilidade. Assim, com seu trabalho, Hooks esculpiria o que seria um de seus belíssimos ensaios sob a égide de tantos influenciadores críticos (COSTA et al., 2021).

Na próxima seção, pretende-se analisar, de modo mais aprofundado, o discurso ideológico da referida autora acerca do pensamento crítico ressaltando a importância das contribuições de outros autores que Bell Hooks cita, a fim de compor sua argumentação e linha de pensamento.

Para tanto, o objetivo do artigo é entender a profundidade e a relevância do pensamento crítico para a sociedade ao longo de sua construção histórica e de que forma os ideais de Hooks (2010) podem ser implementados e estudados enquanto reflexões filosóficas, a fim de contribuir com a formação docente e do indivíduo em fase escolar, pois, como preceitua Freire (2014), "a educação é simultaneamente, uma certa teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético". Segundo o mesmo autor, quanto mais evidentes tornam-se essas três particularidades da educação ao professor, mais ele "(...) pode melhorar a eficácia do seu ato de ensinar" (FREIRE, 2014, p. 73).

Dessa forma, entende-se que o conhecimento epistemológico crítico e bem dirigido pode suscitar um olhar mais sensível e atento às verdadeiras necessidades do aluno. Pode, ainda, ir além e despontar caminhos para um processo de formação genuíno e pessoal. A escola precisa ser um ambiente de posicionamento crítico e desenvolver em seus alunos o senso de autonomia, emancipação, empoderamento e libertação, não somente no campo dos direitos, mas, também, na forma de dirigir pensamentos, comportamentos, atitudes e responsabilidades a fim de que se engajem e construam uma sociedade mais justa e

igualitária, bem como encontrem nela, cada um, seu lugar de atuação, revelando o real sentido de dar voz e incitar nos alunos a participação civil democrática, como preceitua Hooks (2010).

2 IDEIAS GERAIS E DISCUSSÕES DA OBRA DE BELL HOOKS

De acordo com Hooks (2010), pensamentos configuram-se em ações, e o pensamento é o ambiente em que a mente trabalha formulando perguntas, levantando hipóteses e obtendo respostas. Pensar criticamente é questionar e desejar compreender, no âmago, as questões oriundas da sociedade e fora de seu espectro também.

Contudo, esse ato pode ser desvirtuado na educação se ela tiver por motivação outros interesses que não sejam os de libertação. Segundo a autora, no cenário escolar, quando alunos tornam-se reféns do que a autora denomina ser o processo de colonização, que Mészáros, (2008), em seu livro, chama de educação do capital, isso se torna extremamente perigoso, porque esse padrão que nasce no seio familiar logo encontra atuação num cenário maior, a sociedade, estendendo-se e perpetuando-se de geração em geração por meio de influências sistêmicas sob o cenário educacional, cujos processos estão intimamente relacionados aos processos de reprodução social do capitalismo (MÉSZÁROS, 2008).

Com efeito, entender o discurso ideológico por trás das ações e decisões, bem como das influências do capitalismo imperialista patriarcal mostra ao docente a necessidade de um olhar mais profundo e crítico acerca dessa construção social de milênios e que precisa ser confrontada e desconstruída para que uma melhor versão da humanidade seja edificada com mais igualdade, fraternidade e amor ao próximo, independente de suas diferenças, caso contrário, ter-se-á alunos cada vez mais apáticos e críticos, como o sistema deseja que se suceda, e o poder de libertação do pensamento não será exercido.

Por consequência, tal sistema encontra espaço de operação, devido ao conformismo e também ao uniformismo, pois se todos pensam igual e têm os mesmos comportamentos diante das situações que os cercam, constituem-se em uma massa de manobra aos interesses do capital. E é nesse ponto que o professor pode contribuir com o intuito de romper com esse paradigma, visto que, ao estimular o espírito de liberdade nos alunos, eles podem desenvolver uma formação crítica e, conseqüentemente, chegar aos centros universitários e à vida adulta sem se mostrar aquiescentes com suas experiências locais e com o mundo como um todo (HOOKS, 2010).

Entretanto, sem o devido trabalho do professor em conjunto com a família, sociedade e autoridades do governo, os jovens mantêm o mesmo comportamento, desde a escola até a faculdade, achando que não precisam pensar e que basta apenas reproduzir certa quantidade de informações, ou mesmo anotá-las para fins de estudo, pois pensar criticamente, a princípio, pode ser incômodo, consoante ao que Hooks (2010) afirma.

A autora ainda revela que nem sempre é de início uma alegria o ato de pensar; de fato, existem as dores e as delícias dessa ação reflexiva. Uma das razões disso está totalmente ligada à ponderação, ao equilíbrio e análise dos lados de cada questão, bem como da necessidade, em se tratando de pensar, de levantar hipóteses e realizar inferências sobre determinado assunto.

Seria interessante a analogia com crianças nesse aspecto, porque, tal como o pensamento crítico começa com a ação de questionar, esses indivíduos em potencial podem apreender do mundo suas experiências próprias e concepções a partir do questionamento. Ainda, segundo Hooks (2010), o pensamento crítico é um exercício também metalinguístico, ou seja, consiste em uma prática que remete à sua própria reflexão, isto é, do próprio ato de pensar. Prática esta que leva à autonomia, autoavaliação, automonitoramento e autocorreção.

A autora também defende que somente os pensadores críticos conseguem entender o propósito das coisas, mas, também, questioná-los, ressignificá-los, problematizá-los, porque são resolvedores de problema, uma vez que, ao analisar determinada questão ou assunto, eles questionam os outros e a si mesmos, (re)formulando seus pontos de vistas ou tendo novas concepções acerca de quaisquer aspectos, além de apresentar soluções pertinentes.

Outra vantagem de se desenvolver o pensamento crítico é que o indivíduo dele dotado possui, geralmente, exímias habilidades de comunicação por sua visão sistêmica ao enxergar os fatos com clareza e objetividade, além de seus pensamentos serem manifestados brilhantemente por meio da fala e da escrita, isto é, ambas funcionam como registros idênticos e claros dos seus pensamentos. Diferentemente disso, contudo, está a maioria das pessoas, dos estudantes, da população de modo geral que, infelizmente, fica aquém do processo de manifestação do pensamento crítico, devido à sua ignorância, passividade e conforto com as ideias impostas pelo sistema que levam à reprodução dos pensamentos dos outros ou mesmo de um grupo dominante (HOOKS, 2010).

Nesse processo, geralmente, os professores frustram-se, pois trata-se de árdua missão: incitar o pensamento crítico no alunado, pois não são todos que constroem esse caminho ou

desejam edificá-lo. Entretanto, àqueles que dele provam, o resultado é contínuo, ao mesmo tempo que a experiência é mútua: ambos, aluno e professor, verdadeiramente, desfrutam desse resultado que, para Hooks (2010), é uma das melhores recompensas do ensino: sensibilizar mentes a terem e movimentarem suas próprias ideias, colocando-as em ação.

O pensamento crítico, portanto, permite uma postura ativa; em outras palavras, existe uma participação autônoma e engajada do indivíduo, que gera, inclusive, o compartilhamento desse *modus operandi*, ou seja, um grau de reciprocidade fantástico, bem como o comprometido do sujeito com ele mesmo e com o restante da humanidade, desejando ardentemente modificá-la para melhor. Nesse prisma, Hooks (2010) salienta que a postura do professor não deve ser arbitrária ou de mera transmissão epistemológica. Antes, ele deve estar em constante auto análise, e observar se está aberto a novos posicionamentos e a novos questionamentos, além de aprender coisas com os outros também. Freire (1979) corrobora quando diz que “a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante”.

O posicionamento crítico, desta forma e segundo Hooks (2010), traz criatividade e engajamento com as demais pessoas, bem como o autoconhecimento da própria existência. Assim, torna-se precioso quando todos que estão, por exemplo, no mesmo ambiente de aprendizagem, denominado pela autora como comunidade de aprendizagem, interagem entre si com o mesmo propósito. O crescimento, por consequência, torna-se exponencial e escalável, não havendo fracasso, uma vez que todos estão envolvidos e entendem a sua participação nesse processo de colaboração.

Embora, desde os anos 90, refletindo nos dias hodiernos, movimentos educativos e sociais de cunho progressista radical tenham ficado sem força, ao ponto de a autora afirmar que muitos tornaram-se desradicalizados, seja pela convergência de ideias ou pelo suborno por meio de troca de favores, *status* e dinheiro, inclusive, por professores que eram *resistência* ao sistema capitalista (HOOKS, 2010, *grifo nosso*).

Hooks (2010) reitera: os que ainda permanecem firmes na luta são perseguidos e veem a democracia se esvaír, além do capitalismo implantar nas escolas a busca pelo sucesso material, sem sequer discutir condições para isso; questionar meios ou mesmo o desenvolvimento econômico vigente.

Alinhado a isso, a palavra *igualdade* tornou-se discurso demagógico em um mundo dominado por uma oligarquia global, onde seus caprichos e interesses são alimentados por um sistema de governo que dá tanta liberdade para uns em detrimento de outros. Sobre isso,

Hooks (2010) é pertinente ao apontar que ter um estado verdadeiramente democrático deveria subentender constante revolução, diferentemente do que ocorre.

Influenciada também pelos estudos de Dewey (1859 – 1952), seu entendimento de que a democracia deve ser renovada, desejada e construída, Hooks (2010) prescreve: não se trata de um direito nato e irrefutável. Nesse sentido, ainda critica os jovens de hoje que se acomodam em estar em uma democracia. Ademais, salienta períodos de combates em torno da justiça social em sua adolescência, já que se versava sobre democracia naquele tempo, mas havia supressão de direitos civis, o que deu lugar a diversos movimentos sociais em que todos os desfavorecidos, mas também, pessoas de pele branca que desejavam igualdade de condições e de vida, convergindo forças entorno das mesmas causas.

A escritora ainda destrincha sobre a Pedagogia Engajada, a qual consiste na interação aluno-professor e, para que esta ocorra, faz-se necessário o professor ter o desejo e o entendimento do que o aluno já sabe e aquilo que ele precisa saber a fim de suscitar nele o pensamento crítico. Logo, a presença do professor deve ser tal como a de um mestre chinês, que, na ausência de palavras, ensina tanto quanto em seu discurso religioso. Com efeito, situações provocadas pelo próprio professor não fogem do conteúdo, mas, na verdade, estão propiciando vivência, interação e estreitando os laços entre os principais sujeitos escolares, aluno e professor.

Esses exercícios são importantes, porque dão vida a todos que desejam tomar a palavra e não somente àqueles três ou quatro que são sempre os mesmo a participar das aulas. Com planejamento e dedicação pelo outro, o professor consegue "provocar" o aluno a pensar, escrever e interagir com seus amigos ao mesmo tempo, além de estimular o exercício da escuta. Ademais, neste processo o professor precisa exercitar sua integridade, estando presente, isto é, de corpo e alma no espaço e planejamento escolar. Assim, ele poderá suscitar no aluno os mesmos princípios que vive.

É interessante reafirmar o que a autora diz: "A pedagogia engajada pressupõe que todo estudante tem uma contribuição valiosa para o processo de aprendizagem" (HOOKS, 2010, p. 50). Pode-se somar a esse pensamento, por consequência, a aceitação de que o aluno tem potencial para contribuir tanto consigo mesmo, com o professor e com os demais colegas se assim se sentir motivado a fazer.

Portanto, construir uma "comunidade em uma classe" (HOOKS, 2010, p. 50) pressupõe comprometimento do professor com o aluno no processo de aprendizagem, em que todos podem construir enquanto "cooperativa" e quebrar paradigmas quanto às formas de

aprender (HOOKS, 2010, *grifo nosso*). Na verdade, o professor permite a construção e reconstrução do aluno, dele mesmo e do grupo em conjunto, simplesmente, quando ele dá voz ao aluno e entende que o ambiente educativo é reflexo e expressão de cada sujeito escolar. Nesse sentido, o silêncio também é importante em sala de aula a fim de provocar reflexões, questionamentos e, por assim dizer, o pensamento crítico.

Diante disso, faz-se necessário desconstruir paradigmas de ensino como se esses fossem as únicas de educar, podendo-se citar como movimentos que contribuíram para isso a luta racial dos negros e o feminismo, ambos em prol de direitos civis, igualdade e equidade, ao passo que, numa sociedade em que predomina o patriarcado imperialista capitalista supremacista branco, passou-se a indagar como as pessoas precisam ver o mundo e enxergar-se.

Com efeito, para que professores, mulheres, negros e tantas outras militâncias tivessem hoje as conquistas que têm, foi necessário lutar, e a luta veio e vem de inúmeros pensadores como Du Bois, Malcom X, Martin Luther King, Hooks, Freire e tantas outros que, a seu tempo e modo, questionaram (e ainda questionam) o estrato social, além de propor que haja meios e condições de vida igualitária, direitos humanos inerentes a todos, bem como democracia, liberdade de expressão, direito de voz feminina, por exemplo, participação na sociedade civil entre outras lutas que não se pode esquecer, porque também evocam na sociedade discussões sobre as descolonização de mentes, além da própria colonização intelectual promovida erroneamente na educação.

Sobre isso, inclusive, Hooks (2010) cita Paulo Freire (1996, *grifo nosso*) que, por sua vez, afirma: para ensinar a cultura do colonizador, este promove uma educação colonial que consistia em sufocar e rejeitar a cultura do "dominado", algo que foi sendo refutado e problematizado por diversos pensadores e que provocaram debates importantes, os quais reverberam até os dias atuais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A classificação da pesquisa, considerando o objeto de estudo, é uma pesquisa de natureza básica, de gênero teórico, com objetivos descritivos e explicativos, de abordagem qualitativa e que faz uso do procedimento técnico pesquisa bibliográfica, por ter o propósito de gerar novos conhecimentos que poderão contribuir com o avanço e difusão da ciência (LAKATOS; MARCONI, 2011).

Por ter objetivos descritivos e explicativos que, segundo Vergara (2000, p.47), a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno e estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza, e a pesquisa descritiva, por descrever a obra de Bell Hooks, bem como fazer uma relação com os pensamentos críticos, e como esse pode influenciar em uma sociedade pensante, é que se optou por esse desenho metodológico.

Para atender à essas opções metodológicas, a abordagem qualitativa (LAKATOS; MARCONI, 2011; GIL, 2010), é considerada a mais adequada por permitir estudos e reflexões sobre valores, opiniões e hábitos.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pertinência da pesquisa bibliográfica revela-se adequada por alinhar-se com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com fontes já publicadas sobre o objeto de estudo em questão, atestando a veracidade dos dados, identificando e analisando possíveis incoerências, contradições e/ou convergências nas obras basilares. Para esse estudo, a busca por referências bibliográficas para pautar a reflexão foi de fundamental importância para a construção do texto em questão (MARCONI; LAKATOS, 2003; PRODANOV; FREITAS, 2013)

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando a importância do pensamento crítico na sociedade do conhecimento dos dias atuais e à luz do que a HOOKS (2010) defende, a gestão do conhecimento é um dos maiores ativos da era atual, além da sabedoria prática, que consiste na aplicação do que se aprende em benefício dos outros e de si mesmo a fim de garantir qualidade de vida e bem-estar.

Contudo, sob o mesmo prisma, a dificuldade reside justamente no fato de a sociedade ser assim caracterizada, pois, consoante a diversos estudiosos, deter diversas formas de conhecimento e não se apropriar delas revela genuína falta de competência em informação. (COSTA *et al.*, 2021)

Nesse espectro, a escola que deveria ser, por excelência, o ambiente do pensamento crítico, associada ao apoio familiar, comunitário e governamental, acaba reproduzindo as mazelas epistemológicas e socioeconômicas da própria sociedade. Em outras palavras, diversas críticas são direcionadas em torno do desempenho dos alunos e do currículo educacional, uma vez que o saber sistematizado não parece evocar nos alunos

contemporâneos mudança de mente e de vida, dados os altos índices de analfabetismo estrutural e funcional, bem como resultados de avaliações, tais como Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA¹), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb),² entre outros.

Em se tratando do PISA de 2018, por exemplo, o desempenho esperado dos alunos avaliados torna-se ainda menor quando se analisa seu nível socioeconômico. Portanto, as escolas precisariam trabalhar com estratégia os conteúdos, além de adotar mecanismos organizados e criativos a fim de mitigar essas questões sociais e ainda explorar o pensamento crítico em seus alunos (BRASIL 2020).

Entretanto, essa questão passa, primeiramente, pela formação docente. O olhar de um professor recém-formado e bem preparado para esses desafios pode fazer toda a diferença, diante desses problemas de ordem sistêmica, política e estrutural. O famoso jargão "Se cada um fizer a sua parte" faz muito sentido quando se entende o real significado do pensamento crítico.

Desse modo, desenvolver o pensamento crítico na escola é o meio de criar sujeitos autônomos, capazes de pensar de maneira independente e conviver ativamente em sociedade, ocupando seus espaços e não reagindo ao sistema reprodutivista do capital.

Nesse prisma, ao analisar as ideias de Furtado e Belluzzo (2018), compreende-se ainda mais a necessidade de estudar a vertente do pensamento crítico, aliado à gestão do conhecimento e à competência em informação. Trata-se de princípios sólidos que pressupõem aprender a aprender, além de conhecer de que forma se pode chegar às informações certas e lidar adequadamente com elas, a fim de construir uma sociedade igualitária, engajada e pautada na justiça social.

Entretanto, na era digital, é preciso certo cuidado, pois as transformações digitais trazem consigo exacerbado número de conteúdos e informações que nem sempre são necessários ou mesmo aplicáveis à rotina de todos. Além disso, há que se acautelar as

¹ PISA é a sigla para *Programme for International Student Assessment*, cujo informe contribui com informações a respeito do desempenho de alunos na faixa etária dos 15. Em sua sétima edição no Brasil, o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes é um "estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). (BRASIL, 2020, p. 15).

² Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) consiste em uma relação de avaliações realizadas em larga escala e de forma externa que traz ao instituto de educação "um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante" (INEP, 2022, s/p). As avaliações são aplicadas a cada dois anos na rede pública e uma única vez na rede privada. Seus resultados refletem, de modo geral, "os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados", além de explicar uma conjunto de informações pertinentes a esse sistema de avaliação. (INEP, 2022, s/p).

informações improcedentes ou mesmo de origem duvidosa, sabendo discernir em qual categoria está cada informação a fim de torná-la saber prático, como corrobora Hooks (2010).

E, utilizando-se a escola enquanto ambiente de pesquisa, investigação e promoção social, pressupõe-se que ela seja uma influenciadora do pensamento crítico, tal como corroboram Franco e Vieira (2019, p. 117).

O sucesso dos processos de ensino-aprendizagem e seus resultados está intimamente dependente das estratégias didático-pedagógicas utilizadas pelos professores. Um desses resultados refere-se à promoção do pensamento crítico, essencial ao longo da escolaridade.

Compreende-se, dessa forma, que o espaço escolar precisa promover o contato entre os alunos e o saber criticamente concebido, e, para começar, esse saber precisa ser moldado e substanciado no campo de suas mentes.

Somado a isso, é necessário que o professor tenha contato com uma formação e desenvolvimento do seu próprio pensamento crítico. Tal experiência precisa ser genuína, a fim de que o docente seja exemplo dos benefícios e das questões que envolvem pensar criticamente.

De outro modo, Franco e Vieira (2019, p. 147) afirmam que:

Para que os professores possam promover o pensamento crítico dos estudantes de uma forma deliberada, explícita e continuada, torna-se crucial propiciar uma formação de professores que sensibilize aqueles para a relevância do pensamento crítico e sua promoção efetiva, suscetível de transferência a conteúdos, contextos e circunstâncias diversos da vida dos estudantes.

Diante disso, faz-se necessária verdadeira formação docente e sensibilização a fim de que ele entenda seu papel no processo de ensino e aprendizagem e, dessa forma, possa transmitir os conteúdos de forma a validar o pensamento crítico e inspirar seus alunos de modo voluntário.

Consequentemente, o professor precisa entender que essa forma de pensar e conceber o mundo deve ser transferível, isto é, passada de pessoa para pessoa, revelando que não há detenção por uma única pessoa de nenhuma forma particular de saber, mas sim de um conhecimento de modo construtivo, isto é, em que cada indivíduo terá sua experiência pessoal de construção do pensamento crítico. (FRANCO; VIEIRA, 2019)

Para isso, os conteúdos e práticas vivenciadas em sala precisam fazer sentido aos alunos e relacionarem-se aos seus contextos de vida de modo claro, ou seja, com objetivos facilmente definidos pelo professor e percebidos pelo aluno ao longo do processo de ensino e

aprendizagem a fim de que ambos avaliam a construção desse processo e seja criado um "espaço para o pensamento crítico" (FRANCO; VIEIRA, 2019, grifo nosso).

Acerca desse espaço, inclusive, é importante compreender que não se trata de uma decisão meramente casual do professor, sem que este avalie os motivos que o fizeram adotar uma postura em prol do pensamento crítico em suas aulas enquanto instrumento didático-pedagógico. É necessário mais; nos estudos de Costa *et al.* (2021, p. 121), os autores revelam que “certas organizações de ensino promovem o pensamento crítico, sem entrar em discussões acerca de como ou porque esses processos ocorrerem”.

Em outras palavras, não somente o aluno precisa saber o porquê da adoção dessa postura pelo professor, mas sobretudo o próprio docente precisa entender por que escolheu essa forma de ensinar e conceber os conteúdos a fim de influenciar verdadeiramente seus alunos a um saber ético, como pressupõem os documentos orientadores em Educação, tal como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017, p. 8) que traz o “estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico” e “possibilita aos estudantes ampliar a compreensão de si mesmo, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza” (BRASIL, 2017, p. 58).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que na seção de discussões relacionou-se o pensamento crítico com o valor do conhecimento para a atual sociedade do conhecimento, nesta seção pretende-se contribuir com algumas considerações a respeito do tema, suscitando mais algumas reflexões e destacando pontos para pesquisas futuras.

Hooks tem uma forma muito carinhosa, mas consistente de demonstrar sua ideologia, fruto de sua personalidade e formação enquanto professora, sem contar as influências de outros importantes pensadores que cercam sua concepção humana e profissional, tais como Freire (1980; 1996), autor de *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia da Autonomia*, entre outros livros consagrados; Dubois e Dewey.

Como Hooks não é autora apenas do livro aqui analisado, mas de outros que abordam temas importantes como feminismo, a luta de pessoas negras por justiça e participação social, bem como a valorização das características da mulher negra, como sua pele e cabelo, tema latente, inclusive, em "Meu crespo é de rainha" (HOOKS, 2018), acredita-se que “*Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*” trata-se de um ensaio em síntese de tudo que a

autora viveu, sentiu e acompanhou em seus anos de vida e de carreira enquanto professora.

A autora viveu em uma época repleta de reivindicações e movimentos, além de evidenciar professores tornam-se “resistência”. Contudo, infelizmente, ela também viu aqueles que negligenciaram suas concepções e pautas por interesses financeiros e pessoais, além da falta de coragem de continuarem o legado em prol da justiça social e da igualdade. Na contramão, Hooks (2010) viu-se influenciada por pensadores que falavam em esperança, amor, liberdade e diálogo e, por isso, talvez seja tão engajada e comprometida em sua postura crítica.

Leva-se de Hooks, portanto, a ideia de construção de sala de aula comunitária, em que o aluno desenvolva sua identidade, escute e forme voz ativa na sala de aula como ensaio de uma pedagogia engajada para além das fronteiras escolares, além de o aluno aprender a ouvir outros pontos de vista com meio de refutação e reconstrução de seus próprios paradigmas a fim de buscar uma consciência coletiva, mas também militar por seus posicionamentos e discursos críticos pessoais que vão sendo amadurecidos e amalgamados de coragem e pensamento crítico, não cedendo espaço a outros interesses, tampouco deixando os ideias democráticos esmorecerem.

E, por fim, deixa-se algumas indicações de pesquisas futuras a fim de explorar as possibilidades do pensamento crítico em sala de aula conforme as áreas do conhecimento e entrelaçando essa matéria com as orientações da BNCC, numa tentativa de se discutir em sala e por meio da formação de docentes inicial e continuada tal disciplina no currículo escolar.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, J.J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 4 jun. 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. 185 p. : il.
- COSTA, S. L. R. *et al.* Pensamento crítico no ensino de ciências e educação matemática: Uma revisão bibliográfica sistemática. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 26, n. 1, p. 145-168, 2021.
- DUBOIS, W. E. B. *The souls of black folk*. Nova Iorque - EUA: Signet Book, 2012. 256p.
- FRANCO, A. R.; VIEIRA, R. M. Estratégias didático-pedagógicas utilizadas no ensino superior e a promoção do pensamento crítico: Práticas presentes e caminhos futuros. **Revista de Investigación Educativa Universitaria**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 117 - 132, out. 2019. ISSN 2659-3130. Disponível em: <http://revistas.educacioneditora.net/index.php/RIEU/article/view/13>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização: Ana Maria Araújo Freire. – 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014. 400 p.: il.
- FURTADO, R. L.; BELLUZZO, R. C. B. Gestão do conhecimento e competência em informação: possíveis relações e perspectivas de atuação do profissional arquivista. **Informação & Informação**, v. 23, n. 2, p. 314-339, 2018.
- LERNER, G. *La creación del patriarcado*. Barcelona, Crítica. 1990.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/SAeb>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: ATLAS, 2002.
- HOOKS, B. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2010.
- HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá Editora, 2018.

MANSO, A. G.; SILVA, A. S. *Micromachismos o microtecnologías de poder: La subyugación e infravaloración, que mantienen el significado político y social del “Ser Mujer” como la desigual. III Encontro de Internacionalização do Conpedi*, Madri, v. 3, s/d. Disponível em: <https://www.conpedi.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Vol.-3-Madrid.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.